## Atividade individual\_Análise de filme/série

## Matheus Januario Lopes de Sousa - NUSP 7842597

Filme: Em busca dos corais (Chasing coral) (2017) Dir. Jeff Orlowski (distribuído pela Netflix)

**Trecho:** Entre 0'53"30 e 1'04"50

O documentário "Em busca dos corais" mostra o esforço de mergulhadores, cientistas e fotógrafos ao tentar capturar, sob a forma de *time-lapse*, o embranquecimento de recifes de corais na costa da Austrália. O embranquecimento de corais em todo o mundo é um fenômeno recente, fortemente influenciado pelo aumento da temperatura média da Terra e pelo aumento da frequência de eventos climáticos extremos, que são duas das muitas consequências das mudanças climáticas globais de origem antrópica pelo qual nosso planeta vem recentemente passando. Ao experimentar temperaturas muito elevadas na água, os corais embranquecem e em seguida morrem. Além da destruição ambiental *per se* que o embranquecimento é (pela morte dos corais), ele também se torna o gatilho de uma série de mudanças de habitat dos recifes, que deixam de ser um ambiente altamente rico em espécies e serviços ecossistêmicos e passa a ser uma região praticamente estéril, onde apenas algumas espécies de algas e outros organismos conseguem sobreviver. O documentário é muito completo, e conta com entrevistas de especialistas e depoimentos que explicitam a importância dos corais, explicam as causas do embranquecimento e as consequências caso os corais desapareçam. Mas não são estes os motivos desse trecho ser escolhido.

O trecho é relevante por mostrar os contrastes entre as pessoas que trabalham estudando e documentando as mudanças ambientais e o público em geral. Originalmente, o plano da equipe do documentário era gravar os time-lapses usando câmeras automáticas que ficariam submersas durante todo o processo, mas por dificuldades técnicas isso não foi possível (essas cenas são mostradas anteriormente no documentário). A equipe decide então fazer manualmente os time-lapses, retornando nos mesmos locais dos recifes todos os dias para registrar a progressão do branqueamento. O trecho que escolhi utiliza cortes rápidos que no começo intercalam tomadas panorâmicas dos recifes, planos gerais que incluem a equipe mergulhando e realizando o trabalho dos time-lapses e planos médios para capturar os rostos e emoções da equipe. Imagino que parte dessas escolhas é feita para evidenciar o quão trabalhoso foi o processo de se gerar os time-lapses necessários. Os cortes vão progressivamente intercalando cenas com planos cada vez mais próximos da equipe do documentário, para dar ênfase ao fato de que ao realizar manualmente o processo, a equipe passou a ter um envolvimento emocional muito grande com a morte dos corais. Narrações in e off também contribuem para evidenciar que a equipe estava cada vez mais emocionalmente envolvida com seu trabalho. Uma cena em específico acompanha, com movimentos de câmera traveling um dos mergulhadores voltando de um mergulho e indo em direção ao seu aposento num barco, passando pelo meio de uma festa (que ocorre no barco onde ele se hospeda) com pessoas que estão aparentemente ignorantes ao fato de que existe um recife de coral que está morrendo próximo ao barco que hospeda a festa em que elas estão. Obviamente as pessoas não são culpadas por festejar (a narração inclusive discute isso), mas a cena serve como

metáfora para a grande falta de comunicação entre aqueles que trabalham observando as mudanças climáticas e o público em geral. Fica evidente no trecho que a equipe do documentário não apenas precisa conviver diariamente com o peso psicológico de ver morrer todo um ecossistema diante de seus próprios olhos, mas também tem que lidar com a indiferença das pessoas em geral enquanto fazem os registros. Os planos vão dando enfoque cada vez mais nas emoções da equipe, mas também usam panorâmicas para o espectador ter ideia da dimensão da destruição dos corais, até um que se chega num plano detalhe da manipulação por um mergulhador de um coral morto, cuja carne já está se despedaçando da estrutura calcária. O desgaste emocional da equipe passando por esse processo é bastante visível e discutido pela narração ou pelos entrevistados durante todo o trecho.

Acredito que através do trecho do filme é possível trabalhar em sala aspectos da contextualização social da comunicação da ciência. É possível perguntar aos estudantes, após eles assistirem a cena, se eles observam diferenças e semelhanças entre a experiência dos cientistas e a dos turistas na ilha Lizard. Uma série de perguntas adicionais também podem ser feitas, como: qual seria o papel dos estereótipos sobre a natureza (p.e. "águas cristalinas", "praias paradisíacas") nessas diferenças e semelhanças? Existe uma forma de facilitar o diálogo entre os pesquisadores/cineastas e o público, dado que os dois estão na mesma ilha (e no mesmo barco) com objetivos tão diferentes? Como fazer esse diálogo de uma forma a informar o público sobre a influência (indireta) das atitudes deles nos corais sem adotar um discurso cansativo para o público, que está lá para se divertir?

Dado que o documentário possui esse trecho com uma carga emocional tão evidente e uma proximidade tão única com a situação da equipe que estava filmando o *time-lapse*, é possível trabalhar em sala essas questões e fornecer uma perspectiva nova aos alunos, que mostra uma visão empática para com a perspectiva do cientista vivendo as mudanças globais e as consequências da falta de comunicação entre as práticas/os resultados da ciência e o público sobre essas mudanças, promovendo uma pluralidade de visões sobre um assunto importante da contemporaneidade: as mudanças climáticas globais e as suas consequências para a biodiversidade e para a sociedade.